

Lírica dos Trovadores Medievais

Gérard Gonfroy

No alvorecer do século XII, em torno do ano 1100, nasceu ao sul da França, no país *d'oc*, um movimento poético cuja influência direta se expandiria por toda a Europa durante os dois séculos seguintes e cuja ressonância longínqua não cessa de ditar os comportamentos amorosos, ao menos os do Ocidente: refiro-me à lírica trovadoresca, mais conhecida pela ideologia cortês que contribui a instaurar do que por suas 2600 peças cuja virtuosidade formal, densidade poética e língua utilizada, — o *occitan* — tornam o acesso difícil¹ ao "honnête homme" de nossa época.

Com Guilherme IX de Poitou (1071-1126), primeiro trovador conhecido, assiste-se a uma dupla ruptura: primeiramente uma ruptura lingüística, pelo emprego da língua vulgar, o *occitan*, enquanto as formas literárias em uso (com objetivos edificantes) exprimiam-se unicamente em latim, e, em seguida, uma ruptura cultural, pela aparição de uma poesia lírica de inspiração profana, inteiramente consagrada ao amor do qual não ignorará as mais cruas realidades. Com ele e seus sucessores imediatos estabelece-se uma nova concepção das relações entre homens e mulheres, fundada sobre uma inversão completa dos valores: em uma sociedade onde contavam unicamente as relações de força, eis que o *trobador* (aquele que *troba*, isto é, "aquele que inventa texto e melodia"), qualquer que seja sua categoria, renuncia aos privilégios de seu sexo e de seu estatuto para fazer-se vassalo por amor. Tal é a revolução imposta pela *fin'amors* ("amor purificado/depurado") e atualizada pela incansavelmente repetida *metáfora* vassálica: a *domna* (dama) é a suzerana, enquanto o homem é seu vassalo, seu servidor (*servire*); e o serviço feudal transforma-se em serviço amoroso, cujas práticas, direitos e deveres recíprocos são codificados com o mesmo rigor que na sociedade englobante. De onde as queixas incessantes do *trobador*, que critica o rigor de sua dama, sua deslealdade ou sua falta de generosidade. Evidentemente, convém distinguir cuidadosamente o universo ficcional assim criado e as *realia*, completamente diferentes, que, durante séculos

Gérard Gonfroy é Professor da Universidade de Limoges (Professor convidado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 1993 - acordo CAPES/COFECUB).

Tradução: Zilá Bernd (Professora na Universidade Federal do Rio Grande do Sul).

¹ Sem falar da dispersão do corpus em centenas de edições diferentes das quais muitas estão atualmente esgotadas. E por isso que o TELMOO (Texte Lyrique Médiéval d'Oc et d'Oil), grupo de pesquisas da Universidade de Limoges, empreendeu, sob minha direção, a reunião da integralidade da obra dos trovadores. Esta "Integra dos trovadores" será publicada sob a égide da Associação Internacional de Estudos Occitans em 1994; ela apresentará a forma eletrônica de um CD-ROM, o que permitirá interrogar o conjunto como se se tratasse de um único texto. O conhecimento da língua, do imaginário e das representações mentais dos trovadores ficará assim extremamente facilitado.

ainda, concederão à mulher apenas um lugar subalterno. Isto não impediu que o imaginário amoroso do Ocidente fosse marcado para sempre por esta influência.

O amor cortês dos trovadores, a *fin'amors*, repousa igualmente sobre um conjunto fechado de valores, atualizados por lexemas-chave cuja presença no interior do texto vem preencher a expectativa dos receptores. No coração desta rede, *joi* designa precisamente a exaltação que toma conta do amante-poeta ao ver, ao pensar, ou ao lembrar-se de sua dama. O termo francês "joie" (alegria), conotado de passividade, traduz mal a pulsão conquistadora, a tonicidade cósmica que o trovador interioriza a partir de elementos exteriores, como a renovação da primavera, tão propícia à emoção amorosa (ver, por exemplo, a estrofe de abertura das peças 1 e 3). Ligado ao precedente, *joven* ("jeunesse"/juventude) evoca as qualidades de disponibilidade e de espontaneidade, atribuídas à juventude do coração e indispensáveis à concretização da *fin'amors*; igualmente, a necessária *mesura* acentua as qualidades de paciência, discrição, moderação e respeito, enquanto que a *cortezia* ("courtoisie"/cortezia) representa a face socializada, ditando a atitude pública do amante perfeito. Finalmente, a *largueza* ("générosité"/generosidade) aplica-se ora à liberalidade do senhor, isto é, do marido da *domna*, ora à sua ausência de ciúme, ora, sob sua face feminina, a *mercès* ("merci"/agradecimento), às recompensas distribuídas pela dama.

Poesia aristocratizante, senão aristocrática, a lírica dos trovadores encarna-se em uma forma privilegiada do grande canto cortês, a *canso* ou canção de amor. Caracterizada pela divisão em estrofes ou *coblas*,² a *canso* remete a uma situação enunciativa sempre idêntica: o *eu* do amante-poeta dirige, fora de toda a temporalidade, uma queixa lírica a uma *domna*, projetada em uma transcendência de princípio e existencialmente ausente. Entre os dois actantes principais insinuam-se personagens alusivos, jamais individualizados, os *lauzengiers* ("médisants"/intrigantes) cuja função essencial consiste em denunciar os amantes culpados junto ao senhor e em denegrir o trovador diante de sua dama. Em suma: rivais no amor e concorrentes na poesia. Mais profundamente, os *lauzengiers* simbolizam os obstáculos dos quais se nutre a *fin'amors*: o afastamento geográfico, a inacessibilidade social (ela é de alta extração social) e moral da dama (ela é casada); todos esses fatores reforçam e valorizam a transcendência da *domna*. Espera-se, então, que a *fin'amors* funcione como uma verdadeira escola de aperfeiçoamento cultural e moral para permitir ao trovador alçar-se ao nível da dama. Seria, contudo, um grave contrasenso confundir erótica trovadoresca e amor platônico. A idealização da mulher nunca se opera em detrimento dos prazeres carnis. Esta situação-tipo, já presente na obra dos primeiros trovadores, conhece seu apogeu na idade clássica (1150-1180), representada perfeitamente por nosso exemplo 2, de Bernart de Ventadorn, antes de ter sido desvirtuada, a seguir, como a leitura da peça seguinte de Arnaut Daniel permite perceber.

² Com efeito a *cobla* é o princípio unitário do poema, quer se trate da melodia, idêntica para todas as estrofes, ou da estrutura métrica, que se aplica também a cada estrofe.

Poderíamos temer que esta estereotípia do texto trovadoresco engendrasses monotonia e repetição; efetivamente, ela fica minimizada se aceitarmos julgar esta poesia, desfazendo-nos da concepção romântica do lirismo: de fato, nada é mais estrangeiro ao *trobar* do que a efusão sincera dos sentimentos ou a procura sistemática da originalidade. Marcado pela fixação fundamental das situações e dos temas, o *trobar* afasta-se disto pela infinita diversidade de formas e de motivos secundários, quer se trate de luxuriantes estruturas formais (mais de 1000 estruturas formais diferentes em 2600 peças!) ou da habilidade com a qual os motivos mais freqüentes, tal como o exórdio primaveril, encontram-se sutilmente desconstruídos/reconstruídos de poema para poema.

Esta arte de artesão, no sentido nobre do termo, nascida ao sul de Poitou e no Limousin, onde difundiu-se de corte em corte antes de conhecer uma rápida expansão em território *occitan*, primeiro na Auvergne e no Languedoc, depois na Provença e na Catalunha, fascinou imediatamente a Europa inteira. Desde os primeiros anos do século XII, o *trobar* expandiu-se efetivamente fora de suas fronteiras lingüísticas, atingindo a França do norte (*trouvères*), a Galícia e Portugal (poesia galaico-portuguesa) e mesmo a Alemanha (Minnesanger), fornecendo, assim, esquemas estruturais e motivos a líricas que se afastarão, com maior ou menor felicidade, da predominância dos modelos *occitans*.

O leitor moderno deixa-se fascinar pela complexidade das estruturas formais, pelo domínio do significante poético e pela habilidade retórica de que fizeram prova os melhores trovadores; ele reconhece bem, para além de uma riqueza combinatoria quase sem limites, a marca distintiva dos grandes criadores, aqueles cuja busca obstinada do verbo poético funda a escritura. Deixa-se sobretudo seduzir pelo jogo do desejo contrariado que funda a erótica trovadoresca, animada por uma perpétua tensão em direção a uma saciedade que se furta incessantemente...

EXPLICAÇÃO SOBRE A ESCOLHA DAS PEÇAS

1. *Guilherme IX (Ab la Dolchor del Temps Novel) (PC 183,1; por volta de 1100)*

Os versos do *Coms de Peiteus*, os mais antigos jamais escritos em uma língua moderna, abrem a aurora do trovar. Esta peça de estrutura simples (5 *coblas* de 6 octossílabas sobre o esquema 8aabcbc) encanta pelo frescor do tom (v.12-18), pela elegância das alusões à conquista amorosa (v. 20), pela *mercès da dama* (v.21-22) e por seu erotismo sorridente (v.23-24,36).

2. *Bernart de Ventadorn (Lo Tems Vai e Ven e Vire) (PC 70,30; por volta de 1150)*

Bernart, cuja obra é inteiramente dedicada ao amor, é considerado justamente, como o modelo do *trobar leu* (estilo leve) e como o mestre da erótica clássica. A peça escolhida oferece um bom florilégio dos principais temas de Ventadorn (a persistência do desejo no seio de um universo em constante

mutação, o rigor da dama, a paradoxal renúncia ao canto, a fragilidade da felicidade, a beleza física e moral da *domna*, etc.)

3. *Arnaut Daniel (Chanzo Don L' Mot Son Plan e Prim) (PC 29,6: por volta de 1200)*

Ao contrário, Arnaut Daniel, a quem Aragon consagrou sua *Leçon de Ribèrac*, é o mais notável representante do *trobar ric* (estilo complexo, voluntariamente obscuro e difícil). A peça escolhida mistura os estereótipos da *fin'amors* (início primaveril, ódio aos lauzengiers) a uma verdadeira arte poética. A situação-tipo da *canso* é aqui desviada por uma distanciação ao mesmo tempo preciosa e irônica. Observar-se-á o domínio do verbo e do ritmo, verdadeiramente excepcional neste trovador, e a complexidade da versificação: seis *coblas doblas de 9 versos*, seguidas de uma *tornada* de quatro versos, sobre o esquema: *Baa4abb6c'4dd6c'*, as rimas em *uelha* formando um elemento de estabilidade, enquanto que as três primeiras *coblas* são *capfinidas* (a rima interna em *uelh* é uma rima derivativa em relação à última palavra da *cobla* precedente).

PEÇAS DOS TROVADORES EM OCCITAN

1. *Guilhem de Peiteus ou la naissance du trobar*³

I

Ab la dolchor del temps novel
foillo li bosc, e li aucel
chanton, chascus en lor lati,
segon lo vers del novel chan:
5 adoncs esta ben c'om s'aisi
d'acho dont hom a plus talan.

II

De lai don plus m'es bon e bel
non vei mesager ni sagel,
per que mos cors non dorm ni ri
10 ni no m'aus traire adenan,
tro qu'eu sacha ben de la fi,
s'el'es aissi com eu deman.

³ Ed. N. PASERO.

III

La nostr'amor va enaissi
com la branca de l'albespi,
15 qu'esta sobre l'arbr'en creman,
la nuoit, ab la ploie'z al gel,
tro l'endeman, que l sols s' espan
per la fueilla vert el ramel.

IV

Enquer me menbra d'un mati
20 que nos fezem de guerra fi
e que m donet un don tan gran:
sa drudari'e son anel.
Enquer me lais Dieus viure tan
qu'aia mas mans soz son mantel!

V

25 Qu'eu non ai soing d'estraing lati
que m parta de mon Bon Vezi;
qu'eu sai de paraulas com van,
ab un breu sermon que s'espel:
que tal se van d'amor gaban,
30 nos n'avem la pessa e l coutel.

2. *Bernart de Ventadorn ou la perfection du trobar*⁴

I

Lo tems vai e ven e vire
per jorns, per mes e per ans,
et eu, las! no n sai que dire,
c'ades es us mos talans.
5 ades es us e no s muda,
c'una n volh e n ai volguda,
don anc non aic jauzimen.



⁴ Ed. C. APPEL.

II

Pois ela no n pert lo rire,
 a me n ven e dols e dans,
 10 c'a tal joc m'a faih assire
 don ai lo peyor dos tans
 (c'aitals amors es perduda
 qu'es d'una part mantenguda)
 tro que fai acordamen.

III

15 Be deuri'esser blasmaire
 de me mezeis a razo,
 c'anc no nasquet cel de maire
 que tan servis en perdo;
 e s'ela no m'en chastia,
 20 ades doblara lh folia,
 que: "fols no tem, tro que pren".



IV

Ja mais no serai chantaire
 ni de l'escola n'Eblo,
 que mos chantars no val gaire
 25 ni mas voutas ni mei so;
 ni res qu'eu fassa ni dia,
 no conosc que pros me sia,
 ni no i vei melhuramen.

V

Si tot fatz de joi parvensa,
 30 mout ai dins lo cor irat;
 qui vid anc mais penedensa
 faire denan lo pechat?
 on plus la prec, plus m'es dura;
 mas si'n breu tems no s melhura,
 35 vengut er al partimen.

VI

Pero ben es qu'ela m vensa
 a tota sa volontat,
 40 que, s'el'a tort o bistensa,
 ades n'aura pietat;
 que so mostra l'Esriptura:
 causa de bon'aventura
 val us sols jorns mais de cen.

VII

Ja no m partrai a ma vida,
 tan com sia sals ni sas,
 45 que pois l'arma n'es issida,
 balaya lonc tems lo gras;
 e si tot no s'es cochada,
 ja per me no n er blasmada,
 sol d'eus adenan s'emen.

VIII

50 Ai, bon'amors encobida,
 cors be faihz, delgratz e plas,
 frescha chara colorida,
 cui Deus formet ab sas mas!
 totz tems vos ai dezirada,
 55 que res outra no m'agrada.
 autr'amor no volh nien!

IX

Dousa res ben ensenhada,
 Cel que us a tan gen formada,
 me n do cel joi qu'eu n'aten!

3. Arnaut Daniel ou la distanciation du trobar⁵

I

Chanzo don l mot son plan e prim
far eu ai mas brotonon l vim
e l auzor sim
so de color
5 de manta flor
e verdeian la fueilla,
e l chant e l brail
son a l'onbrail
dels aucels per la *brueilla*.

II

10 Per ls *broilz* aug lo chant e l reffrim,
e per que hom no m faza crim
obri e lim
mos de valor
ab art d'Amor
15 don non ai cor que m tueilla,
anz, si be m fail,
la sec a trail
on plus vas mi *s'orgueilla*.

III

Petit val *orgoil* d'amador
20 c'ades trebucha so seignor
del luoc auzor
bas el terrail
per tal trebail
que de Joi lo despueilla:
25 dreis es lacrim,
arga e rim
qui contr'Amor *janglueilla*.

IV

Bella domna vas cui aor,
30 ges per *jangloil* no vair'ailor,
mas per paor
del devinail,
don Jois tressail,
fas semblon que no s vueilla:
35 c'anc no ns jausim
de lor noirim,
mal m'es que lor o cueilla.

V

Si tot vaus perdos aedail,
mon pensamen lai vos assail,
qu'eu chant e vail
40 per l joi que nz fim
lai on partim,
don sovent l'oil mi mueilla:
d'ir'e de plor
e de douzor
45 pro ai que eu m dueilla.

VI

Er ai fam d'Amor don badail
e no sec mesura ni tail:
sols m'o egail
que anc n'ovim
50 del temps Caim
amador menz acueilla
cor trizador
ni baudador,
per que mos jois capdueilla.

VII

55 Bella, qui que s destueilla,
Arnaus dreit cor
lai o us honor,
car vostre prez capdueilla.

⁵ Ed. M. PERUGI, avec de menues retouches.

1. *Guillaume IX de Poitiers ou la naissance du trobar*

I

Dans la douceur du renouveau printanier
se feuillent les bois et chantent les oiseaux,
chacun en leur langage,
sur l'air d'un chant nouveau:
il est naturel que chacun se procure
ce qu'il désire le plus.

II

De là-bas où réside toute joie,
je ne vois venir ni messenger ni message,
et mon coeur en a perdu le sommeil et le sourire;
je n'ose faire un geste,
tant que je ne sais pas si le dénouement
sera conforme à mes aspirations.

III

Il en va de notre amour
comme de la branche d'aubépine qui,
la nuit, tremble sur l'arbre,
soumise à la pluie et au gel,
jusqu'à ce que, le lendemain, le soleil se diffuse,
par le vert feuillage, sur le rameau.

IV

Il me souvient encore de ce matin
où nous mîmes un terme à nos querelles
et où elle me fit le don suprême:
son amour et son anneau.
Que Dieu me laisse encore vivre assez
pour que j'aie un jour mes mains sous son manteau!

V

Je n'ai nul souci de ces propos étrangers
qui chercheraient à me séparer de mon Beau Voisin;
je sais ce qu'il en est des paroles,
grâce à un bref proverbe qui dit:
d'aucuns peuvent bien se vanter de leurs amours,
nous, nous en avons la pleine jouissance.

2. *Bernard de Ventadour ou la perfection du trobar*

I

Le temps va et vient et revient
au fil des jours, des mois et des ans,
mais moi, hélas! je ne sais que dire,
car toujours le même est mon désir;
il est toujours le même et ne varie pas:
je désire et j'ai désiré une dame
dont jamais je n'eus la moindre jouissance.

II

Puisqu'elle n'en perd nullement le rire,
a moi d'en subir peine et dommage,
car elle m'a invité à un jeu
où je suis deux fois battu
(car il est perdu l'amour
qui n'est soutenu que d'un seul côté)
jusqu'à ce qu'elle condescende à un accord.

III

Je devrais bien me blâmer
moi-même, à juste titre,
car jamais homme né de mère
ne servit autant en vain;
et si elle ne m'en corrige,
ma folie ne cessera de redoubler,
car "le fou n'a peur que lorsque tombent les coups".

⁶ Versão para o Francês Moderno estabelecida por Gérard Gouffroy.

IV

Plus jamais je ne serai troubadour,
 plus jamais je n'appartiendrai à l'école d'Eble
 car mon chant ne me sert à rien,
 ni mes refrains, ni mes mélodies;
 il n'est rien que je puisse faire ou dire,
 je le sais, qui me soit bénéfique,
 et je n'y vois nulle amélioration.

V

Bien que je fasse mine d'être heureux,
 j'ai le coeur désespéré;
 Vit-on jamais faire pénitence
 avant de commettre le péché?
 Plus je l'implore et plus elle m'est cruelle;
 mais si bien vite elle ne s'amende,
 j'en serai réduit à la quitter.

VI

Pourtant il est bien qu'elle me soumette
 entièrement à sa volonté,
 car, même si elle est injuste ou se dérobe,
 elle finira par avoir pitié de moi;
 comme le prouve l'Écriture,
 en matière de bonheur
 mieux vaut un seul jour que cent.

VII

Jamais de ma vie, tant que j'en aurai la force,
 je ne la quitterai,
 car, après que le grain s'en est séparé,
 l'épi reste longtemps le jouet du vent;⁷
 et bien qu'elle n'ait guère manifesté d'empressement,
 ce n'est pas moi qui le lui reprocherai,
 pourvu que, d'elle-même, dorénavant, elle se corrige.

⁷ La belle image des vers 45-46 n'est compréhensible que si l'on se rappelle que, dans la conception de l'érotique médiévale, l'amour implique la fusion des coeurs. Aussi, une fois la dame (symbolisée ici par l'*arma*, c'est-à-dire "l'âme" de l'épi de blé, soit le grain) partie, le corps de l'amant, qui a perdu le meilleur de lui-même, qui a perdu son propre coeur, ravi par la dame, reste sans force, exposé au vent, comme l'est l'épi de blé (*lo gras*), quand le grain en a été ôté.

VIII

Ah! amour parfait tant convoité,
 corps bien fait, svelte et ferme!
 Ah! tendre visage au teint éclatant,
 que Dieu a créé de ses mains!
 Depuis toujours je vous ai désirée
 et aucune autre ne me plaît,
 Je ne veux pas d'un autre amour!

IX

Douce créature à l'éducation parfaite,
 que celui qui vous a si admirablement créée
 veuille m'accorder cette joie que j'attends de vous!

3. *Arnaud Daniel ou la distanciation du trobar*

I

Une chanson dont les mots sont subtils et légers
 je dois faire, maintenant que les osiers se couvrent de boutons
 et que les plus hautes cimes
 sont de la couleur
 de maintes fleurs
 et que le feuillage verdoie
 et que les chants et les cris des oiseaux
 retentissent sous l'ombrage
 dans les bois.

II

Par les bois j'entends les chants et les refrains,
 et pour qu'on ne m'en fasse pas reproche
 je travaille et je lime
 des mots recherchés
 avec l'art d'Amour
 auquel je n'ai pas envie de me soustraire;
 au contraire, bien qu'il me fasse défaut,
 je le suis à la traîne
 alors même qu'il devient plus orgueilleux à mon égard.

III

Il a peu de valeur l'orgueil de l'amant
 car toujours il abat son seigneur
 du lieu le plus haut
 jusqu'au sol
 avec tant de souffrances
 qu'il le dépouille de la Joie:
 il est donc juste qu'il pleure,
 se brûle et se consume,
 celui qui se plaint contre Amour.

IV

Belle Dame que j'adore,
 ce n'est pas pour me plaindre que je dirige ailleurs mes pensées,
 mais par peur des indiscrets
 qui font trembler la joie,
 je fais semblant de ne plus vous désirer,
 car jamais nous ne nous sommes repus
 de la nourriture [des médisants],
 il me déplaît de la leur récolter.

V

Bien que j'erre çà et là sans but,
 ma pensée là-bas vous assaille
 car je chante et je vaux
 par la joie que nous ressentîmes
 à l'heure de nous séparer:
 c'est pourquoi souvent mes yeux s'embuent
 de chagrin et de larmes,
 mais aussi de douceur,
 car ma douleur me reconforte.

VI

A présent j'ai faim d'un amour auquel j'aspire,
 et je n'observe ni mesure ni règle;
 seul me récompense
 le fait que jamais on n'entendit parler
 depuis le temps de Caïn
 d'un amant, qui, moins [que moi]
 accueille un coeur trompeur
 et mensonger,
 c'est pourquoi ma joie est à son comble.

VII

Belle, qui qui cherche à me séparer de vous,
 Arnaut court droit
 là-bas où il puisse vous honorer,
 car votre mérite atteint son comble.

PEÇAS DOS TROVADORES EM PORTUGUÊS ⁸

1. Guillaume IX de Poitiers ou o Nascimento do Trobar

I

Na doçura da renovação primaveril
 cobrem-se de folhas os bosques e entoam os pássaros o seu cantar
 cada qual em sua linguagem,
 com a melodia de um novo canto:
 é natural que cada um procure
 aquilo que mais deseje.

II

De lá onde reside toda alegria,
 não vejo chegar nem mensagem nem mensageiro,
 meu coração perdeu o sono e o sorriso;
 não ousa fazer nenhum gesto,
 enquanto não souber se o desenlace
 será conforme a minhas aspirações.

III

Assim vai nosso amor
 como o galho do espinheiro que,
 à noite, tremula sobre a árvore,
 exposto à chuva e à geada,
 até que, ao amanhecer, o sol resplandeça,
 entre a verde folhagem do ramo.

⁸ Tradução de Zilá Bernd a partir da versão em francês moderno estabelecida por G. Gonfroy.

IV

Lembra-me ainda esta manhã
 quando pusemos fim a nossas disputas
 quando ela ofertou-me o dom supremo:
 seu amor e seu anel.
 Deixe-me Deus viver tanto ainda
 que possa um dia minhas mãos sob seu manto colocar!

V

Não me preocupa a linguagem estrangeira
 que buscava separar-me de meu Bom Vizinho;
 pois das palavras conheço o percurso,
 graças a um breve provérbio que diz:
 alguns podem vangloriar-se de seus amores,
 nós, o gozamos em sua plenitude.

2. Bernard de Ventadour ou a Perfeição do Trovar

I

O tempo vai e vem e volverá
 ao longo dos dias, dos meses e dos anos,
 mas eu, ai! não sei o que dizer,
 pois é sempre igual o meu desejo;
 é sempre o mesmo e não muda:
 desejo e continuo a desejar uma dama
 cujo amor nunca cheguei a fruir.

II

Se ela continua a sorrir,
 cabe a mim aceitar a dor e a pena,
 pois ela convidou-me para um jogo
 onde serei duas vezes perdedor
 (pois está perdido o amor
 que existe de um só lado)
 até que ela admita um acordo.

III

Deveria eu acusar
 a mim mesmo, com justa razão,
 pois nunca homem nascido de mãe
 serviu-a tanto em vão;
 e se ela não me corrigir,
 minha loucura não cessará de aumentar
 pois "o louco só teme ao sentir os golpes".

IV

Não mais serei trovador,
 nunca mais pertencerei à Escola de Ebles,
 pois meu canto de nada serve,
 nem meus refrões, nem minhas melodias;
 nada há que eu possa fazer ou dizer,
 bem o sei, que me seja benéfico,
 e não vejo nenhuma melhora.

V

Embora finja ser feliz,
 Tenho desesperado o coração;
 Já se viu fazer penitência
 antes de cometer o pecado?
 Quanto mais imploro, mais ela é cruel;
 mas se em breve ela não se emendar,
 serei obrigado a deixá-la.

VI

Contudo é bom que ela me submeta
 inteiramente à sua vontade,
 pois, mesmo que ela seja injusta ou a mim se furte,
 acabará por ter piedade de mim;
 como o comprova a Escritura,
 em matéria de felicidade
 mais vale um só dia que cem.

VII

Nunca em minha vida, enquanto tiver forças
 eu a deixarei
 pois, mesmo depois que o grão cai
 a espiga permanece longo tempo exposta ao vento;⁹
 e embora ela não tenha se apressurado,
 não serei eu quem a recriminará,
 desde que ela se corrija doravante por si mesma.

VIII

Ah! Amor perfeito tão desejado,
 corpo bem feito, esbelto e firme!
 Ah! terno rosto de tons resplandescentes,
 que Deus criou com suas mãos!
 Sempre a desejei
 e nenhuma outra me agrada,
 Não quero outro amor!

IX

Doce criatura de perfeita educação,
 que aquele que tão admiravelmente a criou
 queira me conceder esta alegria que eu tanto espero!

3. Arnaud Daniel ou a Distanciação do Trobar

I

Uma canção cujas palavras são leves e sutis
 faço-a agora quando os vimes se cobrem de brotos
 e quando os mais altos cumes
 estão da cor
 de variadas flores
 e quando a folhagem reverdesce
 e quando os cantos e os gritos dos pássaros
 ressoam sob a sombra
 dos bosques.

⁹ A bela imagem dos versos 45-46 só é compreensível se lembrarmos que, na concepção da erótica medieval, o amor implica a fusão dos corações. Também, uma vez que a dama (simbolizada por *arma*, isto é, a alma da espiga de trigo, ou seja, o grão) tenha partido, o corpo do amante, que perdeu o melhor de si próprio, "que perdeu seu próprio coração arrebatado pela dama", permanece sem forças, exposto ao vento, como a espiga de trigo (lo gras), quando o grão é retirado.

II

Pelos bosques, ouço os cantos e os refrões,
 e para que a mim não critiquem
 trabalho, cinzelando
 palavras rebuscadas
 com a arte do Amor
 ao qual não desejo furtar-me;
 ao contrário, ainda que me faça falta,
 eu sigo seu rastro
 mesmo quando ele se torna mais orgulhoso a meu respeito.

III

O orgulho do amante tem pouco valor
 pois sempre abate seu senhor
 do lugar mais alto
 até o solo
 com tantos sofrimentos
 que o despoja da Alegria:
 é portanto justo que chore,
 se queime e se consuma,
 aquele que do Amor se queixa.

IV

Bela dama que eu adoro,
 não é para queixar-me que para longe dirijo meus pensamentos,
 mas de medo dos indiscretos
 que fazem tremer a alegria,
 finjo não mais desejar-vos,
 pois nunca nos saciamos
 com o alimento (dos intrigantes)
 desgosta-me deles recolhê-lo.

V

Ainda que eu erre daqui para lá sem destino
 meu pensamento vos assalta
 pois eu canto e valho
 pela alegria que sentimos
 na hora da separação:
 é por isso que muitas vezes meus olhos se umedecem
 de tristeza e de lágrimas,
 mas também de doçura,
 pois minha dor me reconforta.

VI

Agora tenho fome de um amor ao qual aspiro,
e não respeito nem medida nem regra;
somente me recompensa
o fato de que jamais ouviu-se falar
desde o tempo de Caim
de um amante que, menos (do que eu)
acolha um coração enganador
e mentiroso,
por isso minha alegria está em seu ápice.

VII

Bela, quem procurar separar-me de vós,
Arnaut correrá
para onde puder honrar-vos,
pois vosso mérito atinge seu ápice.